

## KANT E SWEDENBORG: MUNDO INTELIGÍVEL E SENSÍVEL

### *KANT AND SWEDENBORG: INTELLIGIBLE AND SENSITIVE WORLD*

Elnora Gondim<sup>1</sup>

**RESUMO:** No primeiro capítulo da parte II dos *Träume*, Kant fornece um perfil nada amistoso de Swedenborg para depois iniciar o relato sobre as histórias deste sábio. Kant afirma que Swedenborg parece estar convicto de suas histórias, não dando a impressão de charlatanismo. Subjacente a essa afirmação de Kant em relação às convicções swedenborguianas, pode-se, plausivelmente, afirmar que ele aproveitou essa oportunidade, ou seja, o contato com os *Arcana Caelestia*, para ilustrar o seu descontentamento em relação à metafísica do século XVIII e mostrar que da mesma forma que Swedenborg passa com facilidade do mundo sensível ao inteligível, os metafísicos também assim o fazem. Kant, no fundo, objetivava denunciar que os princípios inteligíveis, na metafísica tradicional, eram tratados da mesma forma que os sensíveis. Por esse motivo, Kant afirma que nos escritos de Swedenborg há algo interessante, que são as coisas que o autor dos *Arcana Caelestia* diz ter visto e ouvido. Baseado nisto, Kant, respaldado em narrações e fatos contidos no escrito swedenborguiano, aponta as decorrências absurdas que podem alcançar, através de argumentos tidos como racionais, teorias deste tipo.

**Palavras-chave:** Kant. Swendenborg. Sonhos. Metafísicos.

**ABSTRACT:** In the first chapter of part II of the *Träume*, Kant provides an unfriendly profile of Swedenborg and then begins to report on the stories of this sage. Kant claims that Swedenborg seems to be convinced of his stories, not giving the impression of quackery. Underlying Kant's statement in relation to Sweden's convictions, one can plausibly claim that he took advantage of this opportunity, that is, contact with the *Arcana Caelestia*, to illustrate his discontent with 18th century metaphysics and show that just as Swedenborg easily passes the intelligible-sensitive world, so do metaphysicians. Basically, Kant aimed to denounce that intelligible principles, in traditional metaphysics, were treated in the same way as sensitive ones. For this reason, Kant says that in Swedenborg's writings there is something interesting, which are the things that the author of the *Arcana Caelestia* says he has seen and heard. Based on this, Kant, supported by narrations and facts contained in the Swedish-Georgian writing, points out the absurd consequences that theories of this type can reach, through arguments considered as rational.

**Keywords:** Kant. Swendenborg. Dreams. Metaphysicians.

### **SWEDENBORG E KANT: algumas considerações**

---

<sup>1</sup> Professora de Filosofia na Universidade Federal do Piauí. E-mail: elnoragondim@yahoo.com.br

Nos *Träume*<sup>2</sup>, Kant apenas aponta problema da necessidade de atribuição de especificidades para o mundo inteligível. Sendo assim, há uma continuidade dos *Träume* na *Dissertatio*. Nela há uma solução para o problema que é colocado nos *Träume*. Ao longo do desenvolvimento do pensamento kantiano notamos que há uma preocupação com a especificidade dos conceitos intelectuais. Em 1764, por exemplo, Kant trata de dissolver o problema referente ao lugar de Deus no mundo. Em 1766, ele abandona a ideia de localização espacial do reino moral e se volta à questão da espacialidade da alma. Só em 1770, ele vincula as duas teses e as une como resposta para um único e mesmo problema, que é a atribuição de categorias para o mundo inteligível diferentes da do sensível.<sup>3</sup>

## TEORIA DE SWEDENBORG

### Biografia de Swedenborg

Emmanuel Swedenborg nasceu em Estocolmo no ano de 1688. Realizou seus estudos na Universidade de Upsala. Podendo-se dividir o seu pensamento em duas etapas: na primeira interessou-se pelos temas científicos tais como engenharia técnica, mineralogia, anatomia e fisiologia, publicando nesta fase várias obras, dentre elas: *Opera Philosophica et Mineralia* (1734) e *Economia Regni Animalis* (1740). Em uma segunda fase iniciada em 1744, recebeu uma chamada divina para difundir e propagar a interpretação das Sagradas Escrituras. A partir desta data, Swedenborg afirma manter contato com espíritos e anjos, dialogando com eles. Redige, então, as seguintes obras: *De Nova Hierosolyma* (1758) e *Apocalipsi Revelata* (1766) e *Vera Christiana Religio* (1771). Através destes escritos e da fundação da Igreja de Nova Jerusalém, Swedenborg difunde a doutrina espírita. Ele morre em 1772, na cidade de Londres. Seus restos mortais repousam na catedral de Upsala. Foram trasladados de Londres em 1909.

### Aspectos Gerais da Teoria de Swedenborg<sup>4</sup>

<sup>2</sup>Traume significa o livro de KANT intitulado “Los sueños de un visionario”.

<sup>3</sup>Texto baseado no livro, ainda, não publicado de GONZALÉZ, Mario Porta. **Kant y Swedenborg**: El problema del comercio psicofísico en el Kant pre-crítico y las orígenes de la distinción entre mundo sensible e inteligible.

<sup>4</sup>Texto baseado no livro, ainda, não publicado de GONZALÉZ, Mario Porta. **Kant y Swedenborg**: El problema del comercio psicofísico en el Kant pre-crítico y las orígenes de la distinción entre mundo sensible e inteligible.

O pensamento de Swedenborg tem Deus como centro de toda atividade do mundo. Deus designa todos os seres vivos, em contraposição; o nada. Pode-se definir o Ser Supremo como sendo a bondade, a verdade e a realidade mesma. Os seres vivos, por sua vez, só possuem tais características através de Deus. Ele é a origem de tudo. Dele surge e flui a vida de todas as espécies de seres vivos, desde os unicelulares até os homens. As ações destes têm como causa o estímulo divino. O homem, que tenta ser independente, age mal. Os seres finitos têm uma realidade superior. A atividade divina expande-se em três reinos: celestial, espiritual e natural. A origem de tudo encontra-se no reino celestial do qual o espiritual é cópia, não tendo o reino natural uma subsistência própria, sustentando-se, unicamente, em virtude do mundo dos espíritos, que, por sua vez, tem correspondência com o divino (LAMACCHIA, 1969, p.306). Desta forma, as coisas do mundo visível são a expressão concretizada da realidade suprema; por este motivo elas são as provas da existência de Deus contidas na Bíblia. Faz-se necessário, então, um estudo hermenêutico deste livro sagrado (LAMACCHIA, 1969, p.308). Interpretar a Bíblia, no sentido swedenborguiano, é descobrir o código de uma linguagem referente à correspondência existente entre os seres finitos e o divino. Esta decodificação era conhecida pelos antigos e foi esquecida durante o percurso da história. Porém, o homem irá recuperá-la no estado pós-morte.

Na teoria de Swedenborg o homem exterior é o corpo, o interior é a alma. Ele, por causa desta última ligação, tem a capacidade especial de participar, já nesta vida, do mundo dos espíritos. A noção de interioridade determina e esclarece o conceito de alma, sendo aquilo que o eleva da condição de ser biológico para sujeito moral. A relação entre alma e corpo significa uma disposição especial das relações entre interioridade e exterioridade, considerando-se o interior como essência, de onde flui o exterior e pela qual perdura na existência.

A essência do homem é o amor. A forma pelo qual ele se relaciona com o mundo dos espíritos depende do modo como seu amor está constituído. Por este motivo, o homem, segundo o seu amor, dirige-se a Deus, a seus semelhantes, a si mesmo e ao mundo, participa de sociedades situadas no céu ou no inferno. Cada homem está em contato com gênios malignos e com anjos. Estes influenciam a interioridade dos homens, impulsionando-os ao mal ou ao bem, respectivamente. Estas influências ocorrem sem que nem os homens nem os espíritos se dêem conta. O contato com os anjos é uma dádiva que Deus oferece aos homens.

Porém, isto está diretamente relacionado à conduta do homem e ao modo como está constituído seu amor. Dependerá do homem a sua relação com o céu e com o inferno. Nisto consiste sua liberdade. O homem só se conscientiza desta opção após sua morte. O céu e o inferno se encontram nos próprios homens. O que fundamenta a diferença entre o homem exterior e o homem interior é a distinção entre memória exterior e memória interior. Na memória interior encontra-se o pensamento. Ela não pode ser enganada por nada. Todos os atos são recordados por ela. Após a morte, por causa da memória interna, o homem recorda todos os seus atos e impressões de que não foi consciente. Então ele julga a si mesmo ao encontrar-se perante esta clara consciência.

A forma que Swedenborg concebe o mundo inteligível difere da forma que os teólogos e que os filósofos da ilustração o concebem. Imaterialidade é, para Swedenborg, pura abstração. A Deus corresponde uma certa corporalidade. Todo espírito possui um modo de corporalidade diferente do terreno. Ele é algo concreto, vivente e orgânico. O espírito do homem, em seu estado pós-morte, recebe uma forma humana: os anjos têm olhos, mãos, pernas, etc. Também eles têm formas de sensibilidade. No mundo inteligível, espaço e tempo são expressões dos estados de interioridade e de suas transformações. Existe uma relação entre exterioridade e interioridade. O corpo é, para Swedenborg, a exterioridade. Ela é a manifestação de algo, enquanto a interioridade é o em si, é o essencial deste algo, é o próprio significado deste algo que se expressa.

Swedenborg divide as suas visões em dois grupos: as primeiras acontecem no estado intermediário entre o sono e a vigília, onde o corpo está em uma inteira possibilidade e a alma entra em contato com o mundo sobrenatural. As segundas visões são aquelas em que o ser humano é transportado por anjos para outros lugares. Contudo este deslocamento não é algo nem consciente, nem voluntário. A possibilidade do homem entrar em contato com o mundo sobrenatural é algo dado a todos, dependendo do grau de espiritualidade e religiosidade. A comunicação do homem com o mundo dos espíritos tem como base a distinção entre homem exterior e homem interior. A memória interior encontra-se obscurecida pelo sensível. Em toda percepção encontra-se a capacidade da memória interior. É ela que fornece ao homem a aptidão de perceber e compreender, embora o homem acredite que consiga captar as suas sensações através dos órgãos dos sentidos quem realmente faz este trabalho é o espírito.

## A Filosofia de Swedenborg segundo Kant

Na parte histórica dos *Träume*, no segundo capítulo (KANT, 1987, p. 91), Kant faz uma síntese da teoria swedenborguiana, afirmando que as visões de Swedenborg são divididas em três classes: a primeira consiste na liberação do corpo, a segunda em ser transportado pelo espírito e a terceira é aquela visão que Swedenborg experimenta no seu dia-a-dia em plena vigília. Segundo Swedenborg, todos os homens estão em conexão íntima com o mundo dos espíritos, porém só alguns têm o dom de captá-lo.

A presença dos espíritos afeta o sentido interno, isto é, a sua linguagem consiste em uma comunicação imediata das ideias. Embora as almas se encontrem em comunicação com os espíritos, elas não têm consciência disto. Isto ocorre porque o sentido interior delas está obscurecido.

Para Swedenborg, a maioria dos homens não tem o dom de conhecer o sentido interno, só a alguns é dado tê-lo, dentre eles, encontra-se ele próprio. Os espíritos se apresentam sob formas externas, onde a influência mútua deles produzem-nas. As imagens atreladas ao mundo material são símbolos de seu estado interior. Sendo assim, quando os espíritos se comunicam com as almas eles vêm com uma aparência material. As faculdades e propriedades da alma identificam-se com os órgãos do corpo. Eles estão submetidos ao governo da alma. Quando uma força espiritual exerce sua influência na alma, imediatamente os órgãos do corpo sentem sua presença. Com base nisto é que ocorre a diversidade de sensações no corpo. A unidade da alma é formada por diferentes forças e atitudes.

Acontece algo similar entre os espíritos e as almas. Os espíritos constituem uma sociedade que tem aparência de um homem grande. Cada espírito se aloja em um órgão, correspondendo, assim, à sua função no corpo espiritual. Neste Homem Máximo ocorre uma relação recíproca entre os espíritos, onde o lugar de cada espírito nunca muda. Trata-se de um determinado tipo de relação e influxos.

Para Kant, Swedenborg é alguém que tem uma enfermidade, a loucura, pois o "visionário sueco" passa do mundo sensível ao inteligível com muita facilidade, tratando desta forma o mundo imaterial com as mesmas características do físico. O autor dos *Arcana Caelestia* faz uma sensibilização do mundo inteligível. Kant, por sua vez, afirma que das coisas só podemos conhecer algo através de uma intuição sensível. Por este motivo, Kant acredita que não temos um conhecimento do mundo espiritual, portanto não temos subsídios

para afirmar como ocorre a relação da alma com o corpo. Todavia, isto não significa que Kant não acredite em um mundo espiritual. O que ele afirma não saber é como acontece esta ligação com o físico, o que, para Swedenborg, é de fácil explicação. De fato, a crítica kantiana a Swedenborg se centra na possibilidade de uma comunicação direta entre os espíritos. Como se afirmou anteriormente, Swedenborg tratava com grande facilidade e vacuidade a questão do homem participar do mundo inteligível. Kant, ao contrário, afirmava que a intuição sensível e a intelectual eram dois modos de intuir absolutamente heterogêneos (KANT, 1993, p. 199). A relação entre ambas é algo impossível de acontecer, não havendo mediação possível. Daí resulta que o homem participa tanto do mundo inteligível como do físico, porém, ele não é consciente das representações do mundo inteligível (KANT, 1983, p.43). A possibilidade do homem participar, de forma consciente, do mundo dos espíritos é algo descartado por Kant. Sabe-se que Kant aproveitou a oportunidade de se defrontar com a teoria de Swedenborg para fixar a sua atenção entre as diferenças do mundo sensível e do inteligível. Para Kant há um mundo inteligível, mas nele não é possível a participação consciente do homem.

Nos *Träume*, a pergunta pelo lugar da alma no corpo tem subjacente a questão da possibilidade de uma relação entre o espírito e o mundo físico. Trata-se de colocar, como algo necessário, categorias específicas para o mundo espiritual. Logo, o problema da relação entre a alma e o corpo é um momento no marco da relação entre o espiritual e o espacial. A tese da idealidade do espaço e a necessidade de especificar categorias próprias para o mundo inteligível se encontram profundamente vinculadas, somente na *Dissertatio*. Kant consegue colocá-las em uma unidade.

### **A Recepção Kantiana das Histórias de Swedenborg**

O tema da comunicação direta e possibilidade dos espíritos é comum na filosofia alemã do século XVIII. Kant, sendo um professor e um intelectual respeitado em Königsberg, é interpelado pelo público sobre tal tema. Em relação aos fenômenos espíritas vivenciados por Swedenborg houve uma exigência, segundo Kant, por parte de amigos e desconhecidos para que ele tomasse uma posição sobre as experiências do visionário sueco. Estas, também, levaram Kant a considerar os relevantes problemas metafísicos da época. Logo, ele viu-se, por

causa destes dois motivos citados anteriormente, inclinado a analisar o assunto sobre os espíritos.

### **Carta a Carlota Von Knobloch**

A carta a Carlota Von Knobloch, datada de 10 de agosto de 1758, é um dos documentos de que dispomos para contextualizar a posição de Kant sobre o fenômeno Swedenborg. Kant inicia a carta afirmando que não tinha tendência a crer nas aparições dos espíritos, embora não as coloque como impossíveis por não conhecer a natureza espiritual. Contudo elas não são suficientemente demonstradas. Além disto, afirma ele que são tantas as dificuldades e possibilidades de se descobrir enganos e ser enganado que é aconselhável não deixá-las na obscuridade. Porém, sobre as histórias de Swedenborg, Kant as trata de um modo especial, devido à confiabilidade nos testemunhos oculares, dentre eles um ex-aluno e amigo. Este relata-o sobre uma carta enviada para um ministro austríaco de Copenhague, por um certo ministro de Mecklenburg em Estocolmo, contando as histórias spiritistas de Swedenborg, presenciadas por este último. Frente a este relato, Kant se diz perplexo. Com isto, Kant procura informar-se mais acerca desta história. Escreveu a Swedenborg, mas este não lhe respondeu. Em seguida, Kant mantém contato com um senhor de nacionalidade inglesa que viajaria para Estocolmo e encarregou-o de mandar-lhe informes sobre as histórias de Swedenborg. Em um primeiro informe, este senhor parecia cético em relação a tais histórias, mas ao manter contato com Swedenborg a situação mudou, ficando admirado com as experiências de Swedenborg. O próprio Kant pareceu ter uma boa impressão de Swedenborg. Logo após, Kant começa a relatar para a senhorita Knoblochas diversas experiências spiritistas atribuídas a Swedenborg, com os respectivos nomes das testemunhas oculares. Dentre elas encontra-se o da madame Marteville que, depois da morte de seu marido, recebeu alguém reclamando que este não teria efetuado um determinado pagamento. A viúva acreditava que seu marido tinha saldado tal dívida, porém ela não dispunha do recibo. Chamou Swedenborg e pediu-lhe que este se comunicasse com seu esposo, pedindo-lhe informações sobre tal papel. Swedenborg, alguns dias depois, informou-a que já tinha falado com seu marido e que o recibo estava em um determinado armário, onde madame Marteville o encontrou. Outra história de Swedenborg, mencionada por Kant à senhorita Knobloch, foi quando Swedenborg, encontrando-se em Göteborg, afirmou que, naquele momento, estava acontecendo um pavoroso incêndio em Estocolmo. Após algum tempo, ele declarou que o

fogo já havia se extinguido. Tempos depois, o que tinha narrado foi confirmado por uma carta relatando o referido incêndio. Kant, por fim, termina a carta e coloca que espera com certa impaciência a publicação do livro de Swedenborg.

Esta carta gerou algumas polêmicas, porque Tafel, um tradutor das obras de Swedenborg, desconfia que Borowski, discípulo e biógrafo de Kant, adulterou a datação da carta de Kant a Carlota vonKnobloch. Segundo Tafel, ela é posterior aos *Träume*, revelando-se, então, o último e favorável juízo de Kant em relação aSwedenborg.

Porém, depois de ler a carta, o que ver-se é que não há nada declarado nela que leva a crer que Kant tenha tomado uma posição a favor de Swedenborg. O que ocorreu é que Kant não negava a existência dos fenômenos espíritos porque não poderia provar a sua impossibilidade. Então, analisa-os caso a caso, para depois tomar uma posição sobre eles. O que o leva a este tipo de análise, não é a crença na veracidade dos fatos, mas, sim, a confiabilidade nos testemunhos oculares, por este motivo ele se propõe a investigar tal tema.

Em suma, a carta não prova que Kant tenha uma posição definida sobre tal questão, como o quer Tafel simplesmente Kant diz que não tem nenhum juízo formado sobre tal assunto. (KANT, 1987, p. 120).

Tafel afirma que a data da carta de Kant à senhorita Knobloch era falsa e que ela é posterior aos *Träume*. Segundo ele, a carta foi escrita em 1768. Sendo assim a posição hostil adotada por Kant em relação aSwedenborg nos *Träume*, foi revista. As provas das quais Tafel dispõe são: a carta não poderia ter sido escrita em 1758, porque o episódio da fatura encontrada por madame Marteville foi após 1760, tendo em vista que seu esposo faleceu em 25 de abril de 1760 e o incêndio em Estocolmo aconteceu em 1759. As suspeitas da idéia de falsificação da datação da carta recaem em Borowski, discípulo e biógrafo de Kant. Borowski coloca a carta no apêndice do livro, sob o título: *Como Pensava Kant Sobre Swedenborg Cerca do Ano de 1758* e, com a aclaração de como ele pensou posteriormente, manifesta-se claramente nos *Träume*. Por esta razão, Tafel acredita que o propósito de Borowski era o de mostrar que, nos *Träume*, Kant estabelecia a sua posição definitiva em relação aSwedenborg.

Outra prova de Tafel sobre a posterioridade da carta em relação aos *Träume* é a de que, nela, Kant demonstra ter um conhecimento mais seguro em relação aSwedenborg do que nos *Träume*. Ele afirma isto porque, em primeiro lugar, nos *Träume*, Kant escreve o nome "Swedenborg", no entanto, na carta escreve o nome de forma correta, isto é, Swedenborg. Em

segundo lugar, nos *Träume*, Kant parece conhecer unicamente o escrito de Swedenborg chamado *Arcana Caelestia*. Em terceiro lugar, na carta Kant cita um certo amigo inglês, que enviava para ele alguns informes confiáveis. Tafel considera que esta pessoa era um senhor chamado de Green, que Kant conheceu em 1768. Em quarto lugar, na carta Kant menciona uma obra que Swedenborg irá publicar, a qual conteria as respostas para as suas perguntas. Tafel acredita que esta obra só pode ser *De Commercio Anima et Corpori*, a qual foi publicada em 1768. No entanto, há um indicador que a carta é anterior aos *Träume*: Carlota vonKnobloch casou-se em 1764, mudando de nome para Carlota von Klingsporn, então, a carta não pode ter sido escrita depois de 1763.

Outra discrepância da carta em relação aos *Träume* é que, na carta Kant mostra um grande respeito aSwedenborg quando diz a Carlota von Knobloch que Swedenborg é um homem razoável e cordial. Mas, nos *Träume*, ele o coloca como alguém sem ofício que vive às custas de sua fortuna, definindo-o como arquivisionário e arquifantástico.

Outra divergência entre estes dois escritos é que na carta Kant faz um detalhado relato dos fatos relacionados aSwedenborg. Nesta descrição estão os seguintes fatos: o caso da madame Marteville e o incêndio em Estocolmo. Kant parece buscar, através dos relatos destes fatos, uma análise pormenorizada da questão para saber sobre a veracidade dos acontecimentos. Nos *Träume* Kant fala destes fatos como “contos”.

A obra de Swedenborg que motiva Kant a escrever os *Träume* tem como título: *Arcana Caelestia, quae in Scriptura Sacra Seu Verbo Domini Sunt Detecta: Una cum Mirabilis, Quae Visa Sunt in Spiritumet in Coelo Angelorum* e foi publicada em Londres entre os anos de 1749 e 1756. Os cinco primeiros volumes tratam sobre o sentido verdadeiro e oculto dos livros do gêneses, e os três restantes, do Êxodo. Nesta obra Swedenborg afirma sua função de testemunho que relata o que vê e o que ouve, transmitindo as interpretações das Sagradas Escrituras. Nos *Träume*, Kant se refere ao *Arcana Caelestia* como uma obra de estilo vulgar e as suas narrações como "loucura dos sentidos". Na carta, Kant fala que Swedenborg irá publicar uma obra onde nela poderiam constar as respostas para as suas dúvidas em relação aos fenômenos atribuídos a ele. Isto mostra que Kant não tinha, no momento da carta, nenhum contato com os escritos de Swedenborg.

Em suma, acredita-se que Tafel se engana quando ele acredita que há, por parte de Kant, um posicionamento favorável na carta para a senhorita Knobloch em relação à doutrina

de Swedenborg. Kant jamais o teria tido, porque, se agisse desta maneira, ele estaria aceitando a possibilidade do homem possuir uma intuição intelectual, coisa que nos *Träume*, bem como nos escritos kantianos posteriores, é algo totalmente descartado. Se ele pensasse da forma que Tafel afirma, a sua crítica em relação à metafísica do século XVIII, a qual tratava os objetos do mundo inteligível com as mesmas categorias que os objetos do mundo sensível, era totalmente infundada, como também, não teria sido possível o aparecimento da *Dissertatio* de 1770, porque nela Kant estabeleceu as especificidades do mundo inteligível, diferenciando-as do mundo físico.

## AS REAÇÕES PROVOCADAS PELOS TRÄUME

### Carta a Moisés Mendelssohn

Na carta que Kant endereça a Mendelssohn, datada de 8 de abril de 1766, ele objetiva explicitar qual foi a sua intenção ao redigir os *Träume*. Viu-se, em linhas gerais, que os pontos trabalhados por Kant na referida carta foram: o valor da metafísica, tendo como subitem o tema do comércio psicofísico, onde nesse é encontrada a questão do princípio causal, dentro de uma negação de se conhecer a priori tal questão, como, também, é tratada uma explicação de como a experiência é concebida nessa obra.<sup>5</sup>

### Síntese da Carta

Na carta a Mendelssohn, Kant diz que a metafísica não é algo inútil e insignificante, mas que dela depende o autêntico e permanente gênero humano. Entretanto, o que deve ser feito em relação a esta ciência é renovar as suas regras, traçando um plano para ela. Esta constatação deve-se ao fato de que Kant fez um minucioso exame sobre a acumulação de tal saber, assegurando-se de que teria que despojá-lo de sua roupagem dogmática, tratando com ceticismo o seu conhecimento. Em seguida, Kant difere algo que ele

<sup>5</sup> Esta carta é encontrada no apêndice 2, da tradução espanhola dos *Träume*.

chama de Organon, isto é, o conjunto de princípios e procedimentos metodológicos que conduzem à obtenção de conhecimentos em um determinado campo do saber, de algo que ele chama de Catarticon. Um entendimento, segundo Kant, necessita de Organon para chegar à compreensão de algo. Pelo contrário, os conhecimentos ilusórios necessitam de um Catarticon, ou seja, de regras que nos permitam descobrir o engano daquilo que, somente em aparência, acomoda-se aos critérios formais de verdade.

Continuando a carta, Kant afirma que tudo consiste em buscar os dados para o problema de como a alma estar presente no mundo. Ele encontra-se persuadido da indemonstrabilidade da natureza espiritual. Afirmando que toda tentativa de explicação em torno disto resulta em uma invenção, *fictioheuristica*, *hypothesis*. Toda tentativa de explicação não pode constituir-se como prova de possibilidade, de pensabilidade nem de impossibilidade da natureza espiritual. Inclusive a sua aplicação analógica da gravitação universal newtoniana ao vínculo moral da natureza espiritual, Kant afirma, que não constitui opinião muito séria. Ele diz que na construção da doutrina dos espíritos não se pode ter um critério objetivo. Onde daí decorre ser esta doutrina ficção ou hipótese que não tem nenhum valor para a ciência. Não se pode saber nada sobre a natureza espiritual mediante juízo racional a priori nem mediante a experiência, porque não nos é oferecido dados para a solução do problema. A natureza espiritual é uma pura ficção. Dela não se pode intuir a possibilidade nem demonstrar a sua impossibilidade. Então, daí pode-se extrair o limite da consciência humana.

### **Análise da Carta**

Mendelssohn, ao manter contato com os *Träume*, estranhou o conteúdo e a forma literária de tal escrito, por causa da maneira sarcástica com que Kant tratava a metafísica em tal obra. Kant respondeu, dizendo-lhe que o problema central tratado na obra é o referente ao como a alma se encontra presente no mundo e quais são os dados que se tem para solucionar tal problema. A experiência não oferece estes dados nem também é possível tê-los a priori. Kant objetiva aclarar a Mendelssohn que o tom jocoso utilizado nos *Träume* não é algo despreocupado, mas é uma forma irônica de chamar a atenção e estabelecer que determinados temas como, por exemplo, os suprasensíveis, têm sua importância e não podem ser tratados levemente e sem precisão, como os trata a metafísica tradicional. Observa-se que ele alcança uma clarificação do princípio causal, decorrendo disto um desmoronamento da

psicologia racional. Porém, este fato não faz de Kant um empirista. Ele não faz uma crítica à noção de substancialidade da alma. Ao contrário, aceita-a como algo demonstrado pelos filósofos. Quanto ao apelo feito nos *Träume* à experiência, isto é mostrado na carta como um princípio de razoabilidade, isto é, como um estabelecimento da experiência como demarcação, no sentido de que para certos problemas não só faltam os dados da experiência, como, também, ela nunca poderia proporcionar tais dados, sendo assim, um equívoco buscá-los nela. Na análise kantiana o acento não é o de que para determinados conhecimentos faltam os dados na experiência e sim que certas questões parecem irresolúveis, elas assim o são, porque estão mal colocadas.

Em suma, Kant deixa claro a Mendelssohn que a sua crítica à metafísica nos *Träume* é em relação à infecundidade dela. Kant, enfim, termina a carta com uma pergunta sobre a demarcação do conhecimento metafísico, entretanto, sem fornecer nenhuma resposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema suscitado pelos ensinamentos místicos e especulativos de Swedenborg tem uma ligação imediata com a relação das substâncias imateriais no mundo. Kant, na carta a Mendelssohn, afirma que este problema é o centro teórico dos *Träume*. Por causa desta problematização, viu-se no pensamento kantiano uma nova forma de conceituar a metafísica. Ela passa a ser a ciência dos limites da razão humana, decorrendo disso a assertiva de como seria ocioso o estudo sobre como ocorre a relação entre o mundo dos espíritos e o mundo dos corpos.

Há, nos *Träume*, uma separação entre o reino da experiência e o da especulação transcendente. Todavia, isto não significa que Kant, assim como o queria Kuno Fischer, seja um empirista, porque:

- 1) Kant questiona as teses metafísicas a partir de outras;
- 2) em 1766, uma realidade em-si aparece como inquestionada;
- 3) ele continua adotando teses metafísicas, como por exemplo, a teoria monológica da matéria;

- 4) o estado degenerativo em que a metafísica se encontrava era em virtude de um excesso de empirismo; com isto, Kant acreditava que teria que fazer uma demarcação entre as perguntas empíricas e as metafísicas.

Em suma, acreditamos que o empirismo contido nos *Träume*, é apenas aparente. O que Kant objetivava era atribuir categorias para o mundo inteligível diferentes do mundo sensível. A crítica que Kant faz não é a de questionar a possibilidade da metafísica, e sim, colocá-la em novas bases. Para isso, aproveita-se dos ensinamentos de Swedenborg, o qual se situa em um plano fora do universo do racional. Porém, isso não significa que Swedenborg não tenha exercido alguma ajuda no pensamento kantiano. Prova disso é a carta à Carlota Von Knobloch. No entanto, o que ocorreu foi que Kant efetuou uma reelaboração dos ensinamentos de Swedenborg, porque o pensamento kantiano centrou-se na distinção entre o mundo sensível e o inteligível, estabelecendo, então, a diferenciação entre a intuição sensível da intelectual. Para esse fim, o pensamento de Swedenborg apareceu em um momento oportuno do desenvolvimento no pensamento kantiano, mas não como afirmava Tafel, ou seja, no sentido de aceitar os ensinamentos de Swedenborg, e sim, contudo, como uma oportunidade para afirmar que o homem é desprovido de uma intuição intelectual, coisa que para o visionário sueco era de fácil aceitabilidade. A crença em um mundo inteligível era algo inquestionável para Kant. Contudo, esta credibilidade não se dava ao nível científico, teórico e sim ao nível prático. A experiência invocada aqui por ele foi a da moralidade. Logo, há uma ênfase maior nas exigências práticas. A ideia de um mundo inteligível tem um significado moral. Em contrapartida, o problema referente ao mundo inteligível do ponto de vista teórico, é algo irresolúvel para Kant. A razão encontra-se impossibilitada de resolvê-lo, limitando a constatá-lo. Sendo assim, o desmoronamento da psicologia racional kantiana deveu-se aos motivos teóricos e práticos. A irresolução teórica é decorrência de exigências práticas, pois seria ocioso explicar a tese do comércio psicofísico, já que não se teria condições de prová-lo, entretanto, em se tratando dos fundamentos da moralidade, se tem tido mais progressos. Quanto mais clareza tem em relação à segunda, menos segurança tem em relação à primeira.

## REFERÊNCIAS

ARANA, Juan. **El problema de la unidad en Cristian Wolff**. Anuário filosófico, 12, 1979.

CASSIRER, Ernst. **la philosophie des lumières**. Paris: Fayard, 1966.

CASSIRER, Ernst. **Kant, vida y doctrina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

DAVID-MÉNARD, Monique. **A loucura na razão pura: Kant leitor de Swedenborg**. São Paulo: Ed.34,1996.

FISCHER, Kuno. Vida de Kant e história de las origens de la filosofia critica. IN: KANT, Immanuel. **la Crítica de la Razón Pura**. Buenos Aires: Losada, 1938.

GONZALÉZ, Mário Porta. Analisis de la doctrina ética de las "Observaciones sobre lo bello y lo sublime". **Thémata** (revista de filosofia). n. 6. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1989.

GONZALÉZ, Mário Porta.. Kant Y **Swedenborg**: El problema delcomércio psicofísico en el Kant precritico y las origens de la distincion entre mundo sensible e inteligible. Munster, 1986.

GUERRA, Augusto. **Introduzione a Kant**. Roma:EditoriLaterza, 1985.

HERRERO, Francisco Javier. **Religion e história en Kant**. Madrid: Editorial Gredos, 1975. 276p.

KANT, Immanuel. **Textos precriticos**. Porto: Rés Editora, 1983.

KANT, Immanuel. **Rêves d'un visionaires**. Paris: Vrin, 1967.

KANT, Immanuel. **Los suenos de un visionário**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

LAMACCHIA, Ada. **lafilosofiadellareligione in Kant**: del dogmatismo teologicoaiteismo morale. Bari:Lacoita Ed., 1969.

LOMBARDI, Franco. **La filosofia crítica**: la formazione del problema kantiano. Roma: DispenseUniversitarias., 1943.

MARTIN, Gottfried. **Kant**: ontologia y epistemologia. Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 1961.

TONELLI, Giorgio. **The Classification of the sciences in Kant's time**. Milano: La Nuova Italia Firenze, 1975.

TORREITI, Roberto. **Manuel Kant**: estudio sobre los fundamentos de la filosofía crítica. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1980.

VERNEAUX, Roger. **las tres críticas**: Immanuel Kant. Spain : Editorial Espano', 1982.

VIEESCHAUWER, H. J. de. **La evolución del pensamiento kantiano**: historia de la una doctrina. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1962.